



AMANDLA: MATERIAIS DIDÁTICOS COM HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA EM PERSPECTIVA AFROCÊNTRICA

Dlaman Kobina¹

Resumo

Apesar de terem criado as primeiras iniciativas educacionais do mundo, africanos/pretos enfrentam a exclusão sistemática de suas histórias nos currículos formais. No Brasil, a Lei 10.639/2003 buscou corrigir essa lacuna, tornando obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, mas sua implementação ainda é insuficiente. Diante desse cenário, a AMANDLA foi criada em 2021 como um projeto educacional preto e autônomo, dedicado à produção de materiais didáticos afrocêntricos. Baseada na Afrocentricidade de Asante (2009), a iniciativa fortalece a agência africana e desafia a supremacia branca nas narrativas educacionais. Este artigo analisa a trajetória da AMANDLA e sua metodologia, destacando o jogo Kadi Realezas como estudo de caso. O jogo de memória, que apresenta reis e rainhas africanos, exemplifica a aplicação de princípios afrocêntricos na educação. Ao suprir a falta de materiais afrocentrados, a AMANDLA fortalece a soberania educacional preta e a continuidade cultural africana.

Palavras-chave: Afrocentricidade; Materiais didáticos; Jogos; Livros.

AMANDLA: DIDACTIC MATERIALS WITH AFRICAN HISTORY AND CULTURE FROM AN AFROCENTRIC PERSPECTIVE

Abstract ou Resumen ou Rizumu ou Resumu

Despite having created the world's earliest educational initiatives, Africans/Black people face the systematic exclusion of their histories from formal curricula. In Brazil, Law 10.639/2003 sought to address this gap by making the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture mandatory, yet its implementation remains insufficient. In response to this reality, AMANDLA was founded in 2021 as a Black-led, autonomous educational project dedicated to producing Afrocentric didactic materials. Based on Asante's (2009) concept of Afrocentricity, the initiative strengthens African agency and challenges white supremacy in educational narratives. This article analyzes AMANDLA's trajectory and methodology, highlighting the Kadi Realezas game as a case study. This memory-based game, featuring African kings and queens, exemplifies the application of Afrocentric principles in education. By addressing the scarcity of Afrocentric materials, AMANDLA reinforces Black educational sovereignty and African cultural continuity.

Keywords: Afrocentricity; Didactic materials; Games; Books.

¹ Mestre em Educação Linguagem e Tecnologias (MIELT/UEG), professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, coordenador da AMANDLA. Paranoá, Distrito Federal (DF), Brasil. dlamankobina@gmail.com



Introdução

A história dos povos africanos remonta a pelo menos 300 mil anos, e sua memória foi preservada de diversas formas, como as Per Ankh em Kemet, os Djélis e Sangomas, e a Universidade de Sankore no Império do Mali.

No Brasil, a Lei 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, mas a implementação ainda é deficiente. Uma pesquisa do Geledés Instituto Mulher Negra revelou que 53% dos municípios brasileiros têm apenas ações pontuais nesse sentido, enquanto 18% não realizam nenhuma ação, e 89,8% das turmas de Educação Infantil ignoram questões étnico-raciais (Kobina, 2024).

Embora o cenário seja revoltante, é esperado em um contexto dominado pela supremacia branca (Wilson, 2021). A pressão política é necessária, mas somos nós, que fundamos as primeiras iniciativas educacionais, que construiremos uma educação que reflita nossa grandeza histórica, científica e cultural.

É de nossos Oris, mãos e bocas que virão iniciativas educativas para autonomia, soberania e libertação verdadeiras. Nosso povo é que tem a melhor qualificação para construir estratégias, teorias e materiais pedagógicos comprometidos com nosso passado e futuro por meio da educação do presente.

Nesse sentido, a Afrocentricidade (Asante, 2009) enquanto paradigma reorientador dos processos educacionais pode trazer contribuições diversas. Dentre elas, o enraizamento de diretrizes ou princípios para a construção de materiais didáticos. Este artigo analisa a trajetória e metodologia da AMANDLA, destacando a aplicação de princípios afrocêtricos na produção de materiais didáticos, fazendo um estudo de caso de um material específico.

Optamos por narrar o discurso na voz coletiva do "nós" pois o autor é continuidade de seus ancestrais, mais velhos, antepassados e Orixás. Os relatos presentes no texto são expressos no plural, mesmo que tenham sido vivenciados no singular, pois refletem as vozes e forças coletivas que o influenciam e fortalecem.

Da escassez à fartura familiar: um histórico da AMANDLA

Observando o cenário de escassez de materiais didáticos de qualidade com/sobre história e cultura preta/africana, notamos destacadamente a partir de



2019 que o paradigma afrocêntrico poderia nos ajudar a construir caminhos de autoria didática preta. Em 2020, tivemos a oportunidade de viajar até a África do Sul e Moçambique e por lá passar 44 dias. Nesta experiência transformadora quanto ao imagético e imaginário sobre o continente africano recebemos um chamado de um jovem sul-africano: chegar ao Brasil e contar às crianças pretas sobre a verdadeira África e sua história.

Somada ao aprofundamento dos estudos sobre afrocentricidade e educação afrocêntrica, essa missão recebida faz surgir em 2021 - como sussurro ancestral - a ideia de criar uma iniciativa que centralizasse suas ações na pesquisa histórica e cultural sobre África, na formação e, em especial, na produção de materiais didáticos com/sobre história e cultura africana/preta.

A essa iniciativa foi dado o nome AMANDLA, palavra da língua Zulu, falada na África do Sul. AMANDLA significa poder ou força. Era parte de um grito de guerra utilizado pelo povo preto na África do Sul durante o período do Apartheid. Um líder gritava “Amandla!” ao que o povo respondia “Awethu!”. Traduzindo: “Poder! Para o povo!”. Desta forma, a escolha da palavra para essa iniciativa já indicava seu caráter revigorante e de forte posicionamento político em prol do povo preto/africano no contexto educacional.

AMANDLA nasce, desta forma, com o propósito de potencializar experiências de aprendizagem sobre histórias e culturas africanas em perspectiva afrocêntrica por meio de pesquisas, oficinas e recursos pedagógicos. Durante aquele período de germinação três educadoras assumem papel muito relevante de troca, validação e consultoria pedagógica: Taísa Ferreira, de Salvador; Carla Souza, do Rio de Janeiro; e Nini Kemba Nayo, de Salvador. Suas contribuições confirmaram os sentidos produzidos por Dlaman Kobina e ajudaram a aprofundar as reflexões sobre a afrocentricidade

Desde então, AMANDLA já realizou dezenas de encontros formativos e oficinas online e presencialmente, com temas que vão desde história africana até alfabetização com crianças pretas. Com uma forte presença nas redes sociais, também realizamos o trabalho de divulgação de história e cultura preta/africana por meio da mesma, levantando reflexões e proporcionando construção de conhecimentos com o povo preto.



Em 2023 a iniciativa ganha mais um integrante direto. Kyas Imani, companheiro de Dlaman Kobina, passa a compor a modesta equipe (de duas pessoas) de idealização e produção de materiais didáticos. Desta forma, a iniciativa ganha também propósito e contorno familiar preto. É neste período que vemos um crescimento significativo na qualidade conceitual e material dos jogos e livros. De forma independente e manual, Kobina e Kyas produziram centenas de unidades de recursos que chegaram a famílias, comunidades e escolas por todo o Brasil.

Orientações afrocêntricas para a criação de materiais didáticos

Afrocentricidade, como conceituada e discutida por Asante (2009) e outras pessoas pretas desde a década de 1980 trabalha com uma complexa tessitura de percepções africanas sobre todos os fenômenos da realidade e sobre a própria vida. A noção de agência (Asante, 2009), especialmente, nos leva a construir aquilo que percebemos como necessário no campo da educação.

Usamos, na AMANDLA, os princípios da Afrocentricidade organizados por Asante (2009) como principais eixos ou diretrizes para pensar materiais didáticos. São eles: Interesse pela localização psicológica; Compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; Defesa dos elementos culturais africanos; Compromisso com o refinamento léxico; Compromisso com uma nova narrativa da história da África.

Partindo destes princípios, construímos perguntas que podem servir para analisar materiais didáticos já prontos ou orientar a construção dos mesmos. A construção dessas questões teve como inspiração os estudos de Nayo (2023) sobre literatura afrocêntrica, onde a mesma aponta perguntas para análise de literatura infantil desde a afrocentricidade. Assim, chegamos às seguintes questões:

- Como a pessoa africana é apresentada? A localização psicológica dessa pessoa parte da autoafirmação positiva ou da dependência externa?
- Qual é o lugar dado ao povo africano no material? O ponto de partida é a colonização, a escravização? Ou constroi-se uma narrativa de percurso próprio?
- Quais elementos culturais africanos são valorizados? Há valores civilizatórios africanos perpassando o que é apresentado no material? Quais são eles?



- Existe uma preocupação com a linguagem e como ela se localiza a partir do sujeito africano e não do europeu? Há pistas disso?
- Há uma narrativa sobre a história da África? Como ela é feita? Quais questões históricas são colocadas? A narrativa histórica se diferencia em conteúdo e forma do jeito europeu?

A tentativa de dar respostas a estas perguntas de maneira concreta em materiais didáticos fez já serem criados 16 recursos distintos na AMANDLA. Continua sendo nosso horizonte de estudo, aprofundamento e prática a construção de materiais didáticos com/sobre história e cultura africana/preta em perspectiva afrocêntrica, trazendo para esta discussão contribuições como as de Amos Wilson (2021, 2022a, 2022b) em suas publicações sobre desenvolvimento infantil em perspectiva preta.

Kadi Realezas: respondendo às questões

Apresentamos um breve estudo de caso do material Kadi Realezas (Figura 1) para tentar responder às questões colocadas na seção anterior. O Kadi Realezas é um jogo de cartas da AMANDLA que busca aproximar pessoas pretas do conhecimento sobre realezas africanas. Ele faz parte da categoria Kadi, termo em swahili que significa “cartas”.

Figura 1



Jogo Kadi Realezas, da AMANDLA (Fotografia de Dlaman Kobina)



O jogo contém 54 cartas, com 9 rainhas e 9 reis africanos de diferentes períodos históricos e regiões. Além de transmitir informações históricas, o Kadi Realezas incentiva a construção da identidade e reflexões sobre a vida na diáspora.

A dinâmica do jogo pode ocorrer de duas formas: como jogo da memória, em que os participantes encontram pares de figuras de um mesmo rei ou rainha, ou como jogo de trinca, onde é necessário reunir duas cartas com a imagem da mesma realeza e uma terceira com seu resumo biográfico. Recomendado para crianças a partir de 5 anos, o jogo pode ter sua faixa etária e modo de jogar adaptados conforme as mediações dos participantes.

Como a pessoa africana é apresentada? A localização psicológica dessa pessoa parte da autoafirmação positiva ou da dependência externa?

Há pelo menos duas pessoas africanas/pretas potencialmente envolvidas no jogo: a pessoa apresentada, ou seja, o rei ou rainha; a pessoa interlocutora, participante do jogo, criança, adolescente ou adulto preto. A figura apresentada é de uma pessoa preta forte e real, como por exemplo Amanirenas, que derrotou um exército romano. O interlocutor preto presente no jogo também é colocado como sujeito orgulhoso de si, de suas raízes e de sua história. O material funciona como uma espécie de mediador da identificação imagética e, sobretudo, subjetiva entre a realeza e a pessoa que está jogando.

Qual é o lugar dado ao povo africano no material? O ponto de partida é a colonização, a escravização? Ou constroi-se uma narrativa de percurso próprio?

O ponto de partida do Kadi Realezas é o protagonismo histórico do povo preto em sua própria história. Trazendo pessoas como Taharqa, faraó de Kemet, existente bem antes da colonização e escravização. As narrativas resumidas de cada rei ou rainha no material indicam seus feitos em relação a áreas tecnológicas, políticas, militares, espirituais e econômicas. Destacam-se ainda diferentes reinos, impérios e civilizações nos quais tais figuras foram destaque.

Além do próprio jogo apontar uma narrativa de percurso africano próprio e autônomo, os desdobramentos possíveis com o uso do mesmo encaminharão para um aprofundamento ainda maior neste aspecto. Pesquisa, debates e criações sobre



a vida, os territórios, os sistemas políticos, as organizações sociais e as percepções de espiritualidade que envolvem o contexto de cada rei ou rainha provocarão, na pessoa preta que acessa o material e o trabalho com o mesmo, o contato com valores, narrativas e lógicas africanas que podem contribuir para sua vida individual e para a reconstrução do povo preto nos dias atuais.

Quais elementos culturais africanos são valorizados? Há valores civilizatórios africanos perpassando o que é apresentado no material? Quais são eles?

A dinâmica coletiva do jogo é uma forma de integrar valores africanos ao mesmo. Com a proposta de promover socialização, diversão e momentos em comunidade (na família, entre crianças na escola etc.), o Kadi Realezas depende de - e estimula a - valorização da oralidade, da circularidade, da autodeterminação e da criatividade, para citar apenas alguns princípios ancestrais africanos. Além disso, ao conhecer a história de realezas de tempos históricos distintos, o material coloca como central a senioridade, o respeito à sabedoria, às vivências e aos ensinamentos de pessoas que vieram antes.

Existe uma preocupação com a linguagem e como ela se localiza a partir do sujeito africano e não do europeu? Há pistas disso?

A escolha de nomear a categoria de jogos de cartas com “Kadi” (língua Swahili) já resulta de uma reflexão quanto à importância de retomar nossas línguas, suas sonoridades, significados e evocações ancestrais. Palavra tem poder. Apesar de escrevermos em língua portuguesa, um idioma colonial, tentamos trazer nas nomeações dentro da AMANDLA possibilidades de inserção de termos em línguas africanas diversas, como é o caso de Kadi. Também nos preocupamos em procurar a grafia mais próxima possível do original do nome das rainhas e dos reis presentes no Kadi Realezas, bem como dos nomes de seus territórios e reinos. É o caso, por exemplo, de denominar o Antigo Egito como Kemet, seu nome original, ao destacar o faraó Taharqa.

Há uma narrativa sobre a história da África? Como ela é feita? Quais questões históricas são colocadas? A narrativa histórica se diferencia em conteúdo e forma do jeito europeu?



Talvez esta seja a questão de resposta positiva mais direta no caso do Kadi Realezas. Toda a concepção do jogo se orienta por uma narrativa histórica totalmente deslocada do lugar de subalternidade, subdesenvolvimento, atraso e primitivismo construído pela supremacia branca em sua propaganda enganosa chamada de história (Wilson, 2021). Diversas questões históricas são pontuadas, indo dos avanços políticos de Nímia Luqueni, o rei que não tinha exércitos e criou o imenso Reino do Kongo, até Moremi Ajasoro, rainha pertencente à tradição Yorubá.

Mais do que simples informações históricas do passado, o jogo desperta uma outra construção de imaginário sobre o continente africano e seu protagonismo diante de si mesmo e também da história mundial, possibilitando ao participante do jogo reconstruir também a imagem que tem de si mesmo e de suas origens.

As respostas positivas às nossas perguntas orientadoras são reforçadas por devolutivas que recebemos de pessoas pretas que utilizam os materiais. É o caso da educadora e mãe Kamilla Costa, residente no Acre:

Além de fortalecer nossos laços familiares, os jogos permitiram resgatar nossa ancestralidade e construir uma base de orgulho e pertencimento. AMANDLA foi e é essencial nessa caminhada bem como na construção de uma visão afrocentrada de fortalecimento de famílias pretas.

O conjunto de percepções acima argumentado orienta-se notadamente pelo paradigma afrocêntrico na educação, e possibilita manter firmes nossos Oris na construção da continuidade histórica africana no mundo.

Considerações finais

A história africana/preta é repleta de exemplos de construção de fartura no que diz respeito à educação. Das mais variadas formas, sempre estiveram presentes entre nós iniciativas preocupadas em manter vivos nosso corpo e nosso legado cultural, histórico e espiritual.

Nesse sentido, AMANDLA apresenta-se como mais um projeto preto que contribui especificamente na construção de materiais didáticos com/sobre história e cultura africana. Apresentamos o percurso histórico autônomo, porém coletivo e familiar, que combina a iniciativa a valores africanos como autodeterminação e criatividade de forma enraizada nos princípios da afrocentricidade.

Uma breve análise dos materiais, possível dentro do espaço do presente



artigo, demonstra o potencial tanto da AMANDLA quanto da afrocentricidade enquanto paradigma na produção de recursos ricos em valores, possibilidades metodológicas, conhecimentos e narrativas históricas que fortalecem pessoas pretas.

Referências

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

KOBINA, D. História preta como fonte de poder e força. **Correio Braziliense**, Brasília, 31 de agosto de 2024. Opinião. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2024/08/6931496-artigo-historia-preta-como-fonte-de-poder-e-forca.html> Acesso em: 08 de março de 2025.

NAYO, N. K. Literatura infantojuvenil afrocêntrica e o cumprimento da lei 10.639/03. *In*: SANTIAGO, J. (Org.). **Práticas de leitura com literatura negra**. Salvador: Segundo Selo, 2023. p. 63-80.

NIANE, D. T. *In*: NIANE, D. T.. (Org.). **História geral da África, IV: África do século XII ao XVI**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 1-15.

WILSON, A. N. **A falsificação da consciência afrikana: história eurocêntrica, psiquiatria e política da supremacia branca**. São Paulo: Editora Poder Afrikano, 2021.

WILSON, A. N. **Despertando o gênio natural da criança preta**. São Paulo: Editora Poder Afrikano, 2022a.

WILSON, A. N. **A psicologia do desenvolvimento da criança preta**. São Paulo: Editora Poder Afrikano, 2022b.